

## 2ª MESA REDONDA

### 1. Evocação de Roger Bastide

Oracy Nogueira

Foi com satisfação que aceitamos o convite para participar da semana em homenagem a Roger Bastide.

Embora nunca tenhamos compartilhado da intimidade do homenageado, convivemos com ele em várias situações, além de havermos acompanhado suas publicações com o interesse de especialista, desde o início de nossa carreira nas ciências sociais.

Não tendo sido seu aluno, nosso contato com ele se iniciou na Biblioteca da Escola de Sociologia e Política de São Paulo que ele freqüentava com assiduidade, quando essa instituição funcionava no prédio da Fundação Álvares Penteado, no Lago de São Francisco.

Certa vez, encontramos-nos lado a lado, numa situação inusitada: foi em novembro de 1943, quando os estudantes fizeram uma passeata contra a ditadura, saindo do Lago de São Francisco. Houve um tiroteio e prisões, um estudante foi morto. Na hora do tumulto, várias pessoas se refugiaram no vestibulo de um prédio, na esquina das ruas Libero Badaró e José Bonifácio. Entre elas estavam o Professor Bastide e o autor destas linhas.

Noutra ocasião, levamos um amigo, recém-chegado a São Paulo, para conhecer Sérgio Milliet, que fora nosso professor e era diretor da Biblioteca Municipal. Lá o encontramos, acompanhado do Professor Bastide. Estabeleceu-se, então, uma prolongada conversa, entre os quatro, em que os temas variaram das artes plásticas à literatura e às ciências sociais.

Posteriormente, no início da década de 1950, tivemos relações mais intensas com o Professor Bastide, em decorrência de dois programas de atividade de que compartilhamos o da Comissão Paulista de Folclore, cujo secretário era o Professor Rossini Tavares de Lima e da qual éramos membro e para cujas reuniões o home-

nageado era freqüentemente convidado, e o da pesquisa sobre relações raciais patrocinada pela UNESCO.

Se já o admirávamos pelas publicações, maior ainda se tornou nossa deferência pelo Professor Bastide, com a convivência. Era um homem atencioso, pontual, que se empenhava inteiramente nos compromissos assumidos, além de se mostrar sempre motivado por uma ilimitada curiosidade intelectual e por um desejo ardente de compreensão humana.

Além da formação geral e, particularmente, humanística, que o caracterizava, suas publicações, sua versatilidade no que toca aos temas ou problemas a que se consagrava, iam das partes plásticas literárias ao folclore, às relações raciais, às manifestações de religião e magia e aos problemas de ajustamento e desajustamento pessoal que interessam à psicanálise, à psicologia e à psiquiatria.

Não obstante toda essa diversidade de áreas ou temas por que se interessava e a cujo conhecimento deu uma contribuição efetiva, o Professor Bastide fazia questão de proclamar que atuava, sempre, como sociólogo, fosse pela postura que assumia ou pela metodologia que adotava.

Foi invariavelmente essa sua posição, ao tempo em que frequentávamos a Comissão Paulista de Folclore. Sempre deixou claro que comparecia às reuniões ou atividades como sociólogo interessado em folclore e não como alguém já investido ou por se investir no papel de folclorista, embora sem menosprezar e sim prestigiando este último.

Segundo ele, os estudos de folclore vinham evoluindo, desde seu início, da tendência à pura descrição dos fatos, à busca de interpretação ou compreensão, através do método histórico ou genético, para em seguida se passar à visão culturalista ou de conjunto e, finalmente, se enriquecer sua perspectiva com o ponto de vista estruturalista ou sociológico.

Essa posição Roger Bastide procuraria fixar, de modo sistemático, na "Introdução" ao livro em que reuniria estudos sobre o folclore brasileiro e sobre manifestações (em geral, religiosas e mágicas) da cultura afro-brasileira, e cujo título por si só é bem significativo: *Sociologia do Folclore Brasileiro* (São Paulo, Editora Anhambi, 1959).

Aí, ele define o folclore como "a cultura inteira do folk", opondo-se à sua restrição à tradição oral.

Considera a abordagem culturalista como um avanço em relação à histórica ou genética, porém, vê, na mesma, o "perigo" de levar a uma visão estática e propõe o seu enriquecimento pela perspectiva dialética e estruturalista característica da Sociologia.

Convém transcrever aqui um trecho que resume com clareza o seu ponto de vista: "... o ponto de vista culturalista, se for exclusivo, apresenta tantos perigos como vantagens. E tais perigos são particularmente sensíveis no terreno do folclore. Basta abrir os manuais dos antropólogos norte-americanos, para perceber que a sociedade neles figura como uma parte da cultura — não como o seu pólo negativo, num conjunto dialético. Certos cientistas dos Estados Unidos se dão conta disso, como Sorokin, ou mais ainda como Parsons, que foi obrigado a propor uma nova teoria, a da Ação Social, para restabelecer numa base mais objetiva as relações do cultural e do social, que não são relações de uma parte para a totalidade, mas relações de um domínio para outro. Ainda mais, sem dúvida por ter sido a influência do marxismo muito fraca na América do Norte, eles ainda não foram bastante longe nessa via, pelo menos a nosso ver — permanecendo demais no estático, e insuficientemente preocupados com a importância dos processos dialéticos. Em todo o caso, o fato aí está: se as estruturas sociais se modelam conforme as normas culturais, a cultura por sua vez não pode existir sem uma estrutura que não só lhe serve de base, mas que é ainda um dos fatores de sua criação ou de sua metamorfose." (Obra citada, "Introdução", páginas não numeradas).

Mas adiante, acrescentava Roger Bastide, focalizando especificamente o caso do Brasil: "Se portanto o folclore não sobrevive quando certas formas de sociabilidade desaparecem, tivemos razão em dizer que as estruturas sociais são fundamentais à sua compreensão. É a razão por que insistimos nos textos que se seguem, sobre a necessidade de levar em conta grupos, instituições, o conjunto da organização social. Mas, com o Brasil, novas complicações vão se produzir. O folclore brasileiro, com efeito, se deixarmos de lado as contribuições indígenas, é um folclore de exportação. Em parte vindo da África e em parte trazido de Portugal. De onde o problema: o folclore poderá mudar de sociedade? Em caso afirmativo, não haverá, contrariamente a tudo que afirmamos até o momento, uma independência — ao menos relativa — do cultural com referência ao estrutural?" (Obra citada, "Introdução").

Observa que o folclore português foi o mais preservado, no Brasil, porque os portugueses, como colonizadores e dominadores, em face dos indígenas e africanos, procuraram transplantar para aqui — e em boa parte o conseguiram — sua própria organização social. Elementos do folclore africano também sobreviveram na medida em que elementos estruturais foram preservados, o que era facilitado pelos colonizadores, quando correspondia aos seus interesses.

As semelhanças e contrastes entre os meios geográficos da Europa, da África e do Brasil, as condições ecológicas e os regimes de produção, à medida em que afetam as estruturas sociais, também influenciam a cultura e, consequentemente, o folclore, levando ora à continuidade, ora à reinterpretação cultural (expressão tomada a Herskovits), à supressão ou ao aparecimento de elementos culturais.

Ao justificar a inclusão, no mesmo livro, sob o título de **Sociologia do Folclore Brasileiro**, de estudos sobre as religiões afro-brasileiros, Roger Bastide obser-

va que seria uma manifestação de etnocentrismo considerar essas religiões como "folclore". Assim, explica a referida inclusão pelo fato de que "as religiões possuem exatamente os mesmos problemas que acabamos de passar em revista para o folclore" e o de que às religiões afro-brasileiras como a quaisquer outras, tendem a se associar manifestações folclóricas.

Mais cedo ou mais tarde, alguém, no Brasil, deverá proceder a uma análise sistemática do conjunto das obras de Roger Bastide.

Tratando-se de uma produção que se estendeu por várias décadas, ela não poderá deixar de revelar mudanças de pontos de vista, em decorrência tanto do desenvolvimento da própria experiência pessoal do autor como das sucessivas influências por ele sofridas através de leituras e contatos pessoais. Será interessante cotejar as obras sucessivas de Roger Bastide, agrupando-as em fases, numa tentativa para se perceber as continuidades e descontinuidades em seu pensamento e as influências e circunstâncias que tenderiam a explicá-las.

O reverso seria tão importante se não, mais: identificar a influência de Roger Bastide em discípulos diretos e indiretos, no Brasil. Entre os primeiros, como é sabido, estão alguns dos nossos mais ilustres colegas das ciências sociais, como Florestan Fernandes e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Entre os discípulos indiretos, em maior ou menor grau, estão aqueles que não tiveram a ventura de frequentar suas aulas.

No período que se seguiu à fundação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1933) e da Universidade de São Paulo, com sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934), cientistas sociais europeus e norte-americanos, contratados por ambas as instituições, tiveram ensejo de conviver, na cidade de São Paulo: Lévi-Strauss, Paul Arbousse Bastide e Roger Bastide (franceses), Herbert Baldus e Emilio Willems (alemães), Antonio Piccarolo (italiano, há muito radicado aqui), Samuel Lowrie e Donald Pierson (norte-americanos), Alfred Reginald Radcliffe-Brown (inglês), para citar apenas aqueles cujos nomes nos ocorrem imediatamente e que atuaram em cursos regulares de graduação e pós-graduação. Outros por aqui passaram como pesquisadores e conferencistas, deixando uma indelével lembrança, entre os quais Herskovits e Linton (norte-americanos), Boldrini e Vitelbo (italianos).

Nossa tradição intelectual era predominantemente européia e, particularmente, francesa. A essa tradição se filiavam os professores brasileiros da Escola de Sociologia e Política e da área de ciências sociais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como Raul Briquet, Antonio Ferreira de Almeida Junior e Fernando de Azevedo.

Com Samuel Lowrie e, posteriormente, com Donald Pierson, a Escola de Sociologia e Política passou a ser tida como o principal foco de irradiação do pensamento e das ciências sociais de origem norte-americana, em São Paulo. Por sua vez, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se apresentava como o prin-

cipal centro de difusão do pensamento e das ciências sociais de origem européia e, especialmente, francesa.

Os professores e pesquisadores estrangeiros, nas duas instituições, provocavam ou estimulavam a aquisição de bibliografia predominantemente, da respectiva origem. Desse modo, as bibliotecas de ambas eram bastante contrastantes e, em lugar de duplicarem, antes complementavam uma à outra, o que acabava sendo vantajoso para quem se dispunha a recorrer tanto a uma quanto à outra.

Inegavelmente, havia um preconceito recíproco e, conseqüentemente, tensão e resistência entre os representantes das duas "correntes" — a européia ou, mais restritamente, francesa, e a norte-americana; porém, como sempre tende a acontecer, esse confronto entre portadores de pontos de vista discrepantes acabou sendo mais estimulante e fecundo que negativo, quanto ao efeito sobre a atividade intelectual das pessoas ou grupos afetados.

Não obstante o referido preconceito mútuo, os intelectuais de parte a parte, acabavam tendo curiosidade pelos pontos de vista e pelas fontes bibliográficas de que se valiam os que estavam do lado oposto.

Referimo-nos acima à assiduidade com que o Professor Roger Bastide frequentava a biblioteca de Escola de Sociologia e Política. Podemos acrescentar que outros professores europeus também recorriam à mesma.

Que importância tiveram essa convivência e esse acesso a novas fontes bibliográficas, aqui em São Paulo, no prosseguimento da carreira intelectual, principalmente dos participantes mais jovens dessa experiência? E as conseqüências, no que toca à formação dos especialistas brasileiros? Os cientistas sociais em cuja formação colaboraram os professores estrangeiros de uma ou outra procedência não se tornaram, de certo modo, herdeiros de ambas as correntes?

Especificamente, qual foi o papel de Roger Bastide nesse intercâmbio? Quando se iniciou seu contato com as obras de Herskovits, Parsons e outros autores norte-americanos por ele citados? Em que medida ele acolhe, crítica, seleciona e reinterpreta elementos provenientes das novas fontes de que toma conhecimento? Por sua vez, qual a influência exercida por ele? Qual a importância de tudo isso para o papel que viria a desempenhar, na França, no pós-guerra, como um dos agentes da renovação das ciências sociais?

Não nos propomos, nem teríamos condições, para realizar essa análise sistemática da obra e do papel de Roger Bastide, no desenvolvimento das ciências sociais, no Brasil e na França. Com esta nota, apenas quisemos assinalar nossa presença nesta homenagem a um cientista social a quem o Brasil tanto deve.